

ESCRITAS URBANAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Bárbara de Bárbara Hypolito¹

Em sua primeira edição, a Revista PIXO, lançou a proposta de reunir escritos de pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, sobre o tema das "Escritas Urbanas na Cidade Contemporânea".

Foram aceitos trabalhos cuja discussão versasse sobre a temática. A atuação de seus produtores, a narrativa discursiva das manifestações e a produção do cenário das cidades a partir desse tipo de intervenção urbana. Linguagens manifestas que passam a construir um espaço híbrido e que habitam a fronteira entre o formal e o não formal no contexto atual urbano. E ainda, suas derivações na condição de produção do espaço urbano, de tal forma a potencializar a discussão acerca da cidade do século XXI.

A cidade contemporânea e suas manifestações, seus protestos, suas distintas formas de produção do espaço urbano. Uma realidade construída por diferentes mãos, por diferentes agentes. Lugar de conflito, de construção social, de marcação de territórios, o lugar da vida pública, da rua.

Nas ruas - entre prédios, passeios, automóveis, abandonos, outdoors - a vida se passa. Pessoas circulam, de diferentes formas, habitam e experimentam as ruas das cidades. Ruas são como corredores, lugares de circulação e de paradas, lugar de encontros, entre corpos, entre corpo e cidade. Podem ser retas ou sinuosas, acima o céu, à frente o caminho, pelos lados suas delimitações formadas por planos verticais, horizontais, por fachadas, muros, jardins. Ela é tanto o lugar da festa quanto do perigo.

Uns circulam nas ruas, outros moram, outros trabalham. A rua é o lugar do convívio das diferenças, onde a vida urbana se apresenta e se manifesta. As ruas têm história, elas podem contar do passado, mas em especial, aqui nessa revista, nos interessa o que narram do contemporâneo. Suas marcas, suas escritas urbanas, seus PIXOS, o que se manifestam por seus planos!

As escritas urbanas (graffiti, stencil, lambe, pixação, etc.) são expressões gráficas manifestas no espaço urbano, pelas ruas, que se utilizam da cidade e da arquitetura como suportes e instrumentos de ação, comunicação e protesto. Assim, funcionam como elementos visuais inscritos pelos planos que compõem o cenário das cidades e interferem no cotidiano da experiência urbana, na construção e leitura da cidade e na constituição de sujeitos no contexto da contemporaneidade. São como narrativas urbanas do cotidiano.

Como intervenções relacionam escrita, arte, território, urbanismo, práticas sociais, desejos e criação de espaços relacionais. Manifestam a vida pública e a realidade contemporânea, por uma necessidade de expressão e transgressão. Como discursos visuais na e da cidade - aplicadas sobre muros, fachadas e monumentos - subvertem

¹ Arquiteta e Urbanista (UFPel, 2012), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPel, 2015), onde desenvolveu a dissertação intitulada: Cidade, Corpo e Escritas Urbanas - cartografia no espaço público contemporâneo (http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_barbara_hypolito_2015.pdf). Atualmente é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS). E-mail: barbarahypolito@hotmail.com.

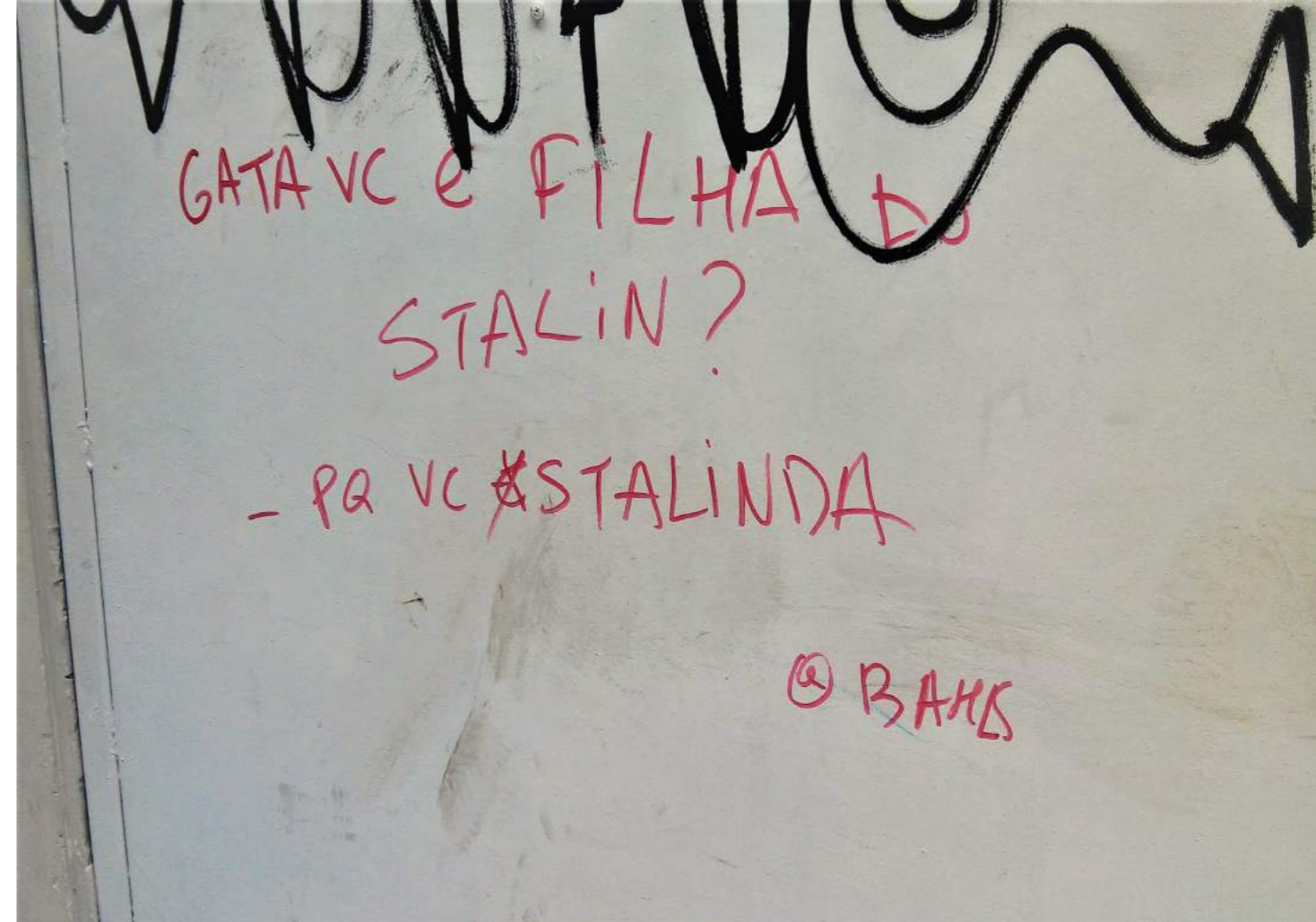


Figura 1 - Sem Título.
Foto: Fernando Fuão, 2017.

a arquitetura das cidades e profanam o ambiente urbano ao mesmo passo em que o compõem.

Uma prática corporal, de intervenção urbana, que estabelece novas formas de habitar os espaços já constituídos da cidade, configurando uma micropolítica da diferença. Uma ação capaz construir agenciamentos entre diferentes indivíduos, potências artísticas e experiências. Funcionando mesmo como atrativos no meio urbano, chamando os corpos-sujeitos à experimentação e à interação. Uma atividade que não mascara os conflitos urbanos, mas contribui para mostrar a tensão urbana contemporânea.

A prática dos escritores urbanos atualiza o cenário público, deixa marcas em spray, que se propõem a dialogar com a população, evidenciando as práticas sociais. Assim, se por um lado são mal vistas por parte da população; por outro, ativam ruas, fachadas, espaços abandonados e corpos, impulsionando a criação de outros sentidos potentes de existência, contribuindo na constituição de um pensamento crítico acerca da realidade social contemporânea e oferecendo outras possibilidades de experimentação urbana.

O tema das escritas urbanas emite um som de transformação social, como vozes emitidas que colocam a movimentar o pensamento crítico e a paisagem da cidade contemporânea. Tons de protesto, de rebeldia, de apropriação urbana, por um direito à cidade e à construção de um ambiente múltiplo de corpos, interesses e usos. A fim de dar voz às pesquisas acerca da temática, a primeira edição da Revista PIXO propôs duas seções.

A seção **ARTIGOS E ENSAIOS** contou com a comunicação de dez autores. O primeiro discute a pixação a partir da experiência de uma artista visual que se utiliza da linguagem do pixo em Mostra de Arte na cidade de Pelotas/RS. A autora aborda o pixo como cultura ao invés de arte, uma prática marginal, uma forma de discurso "assuntos do cotidiano", cuja ação faz refletir a problemática urbana e artística, da

opressão ao poder. O segundo e o terceiro apresentam o papel da mulher na cena urbana. Primeiramente, a intervenção através do lambe-lambe com imagens de referência ao universo feminino; a arte produzida pela mulher, num ato de resistência, que se cola sobre uma cidade cujo universo é masculinizado de poder. A proposta é a de uma experiência sensorial, subjetiva, que busca a memória feminina, a errância, questionando a paisagem urbana, o gênero e a liberdade de expressão. Depois, a presença da mulher no cenário do pixo em Pelotas/RS. Ação micropolítica de ocupação e resistência no espaço urbano pelas mulheres. Apresenta as dificuldades enfrentadas pelo gênero, o tipo de abordagem e os conteúdos expressos nos muros. O quarto fala sobre as diferenças entre arte urbana e arte pública. Aborda a utilização da linguagem do desenho no cenário urbano, através de diferentes técnicas e materiais (carvão, colagens, graffiti). O autor apresenta diversos artistas urbanos e suas obras e, através de imagens e comentários, discute como esse tipo de intervenção artística, pode modificar o aspecto estético de uma cidade.

O quinto se debruça sobre a experiência de duas intervenções artísticas efêmeras propostas no espaço público de Porto Alegre/RS. Discute a interação do público passante, a intervenção da arte no cotidiano citadino, o antes, o durante e o depois da intervenção, as percepções dos artistas, e a reflexão acerca da dinâmica da cidade a fim de ressignificá-la ao se pensar um projeto urbano. O sexto aborda a relação entre cidade, graffiti e ciberespaço. Apresenta estudos de caso sobre o graffiti digital, a experiência da projeção do graffiti sobre fachadas e o uso da tecnologia no espaço urbano como forma de interação humana com a cidade. A experimentação com um espaço que se modifica instantaneamente, ressignificando o lugar. O sétimo discorre sobre a experiência entre o corpo e a cidade através de metáfora com a literatura de José Saramago, assim trata da cegueira cotidiana com relação à crise social em que vivemos. Aborda que a experiência da cidade nos foi roubada pela máquina capitalista, pelo corre-corre diário, que produz espaços urbanos descorporificados, abolindo a rua e os encontros, resultando no empobrecimento da prática urbana cotidiana. Uma cidade transformada em pura imagem publicitária, principal linguagem capitalista. O artigo apresenta o pixo como uma contra-estética de combate ao espetáculo urbano, por um direito visual à cidade, através de um contra-texto marginal, de fissura.

O oitavo traz a história do grafite, relaciona arte de rua e arte institucionalizada. Aborda o grafite como uma forma de denúncia à exclusão sociocultural e o caso do grafite em Pelotas, através de entrevistas com grafiteiros e órgãos públicos, apresentando as duas visões e os impasses na parceria. Apresenta, ainda, as possibilidades de exploração turística, o potencial do grafite como atrativo turístico e parte da cultura da cidade, e a democratização da arte. O nono discursa sobre a presença de monumentos históricos no espaço público, em especial SP. Questiona a presença do monumento como símbolo e imaginário urbano na contemporaneidade. Aborda a necessidade do uso do símbolo como forma de demarcar conflitos urbanos e ressignificação urbana. Apresenta a intervenção de pichadores e indígenas sobre o Monumento dos Bandeirantes, São Paulo, em movimento de protesto a PEC 215. O décimo, encerrando a seção, trata de registros cartográficos, da produção de um contramapa, que propõe novos critérios de análise dos espaços da cidade, a partir dos conceitos de errância e acolhimento. Aborda as possibilidades de um processo de leitura do ambiente urbano que ultrapassa os limites dos mapas convencionais. Assim, através da errância, o cartógrafo vai lendo e escrevendo a cidade, seus acontecimentos, as diferenças e as subjetividades que acolhe, atentando aos desvios e deformidades do espaço urbano.

A seção **PAREDE BRANCA** se caracteriza por um conteúdo flexível, com experimentações e reflexões sobre o campo da arquitetura e do urbanismo por meio da apresentação de breves textos literários, poemas, desenhos e fotografias. A seção conta com três ensaios.

Inicia com uma história fictícia que se constrói através do encontro com as escritas urbanas na cidade de Salvador/BA, e um possível diálogo de afeto e amor entre Henrique e Ju. Depois, apresenta uma série de narrativa poética e ensaio fotográfico que relaciona o escrito “A pixação não é arte e não é pra ser” de Andy Jankovki com a polêmica surgida em São Paulo, em 2017, pelo programa de governo “Cidade Limpa” de João Dória. E, por fim, um ensaio fotográfico que se fez ao caminhar, ao experimentar a cidade e seus escritos, assim, os autores ao identificar a recorrência de uma dessas inscrições, pela semelhança no traço, seguiram registrando e acompanhando o seu desenvolvimento, ou seu desaparecimento.

Boa caminhada pelas ruas e desvios dessa revista!